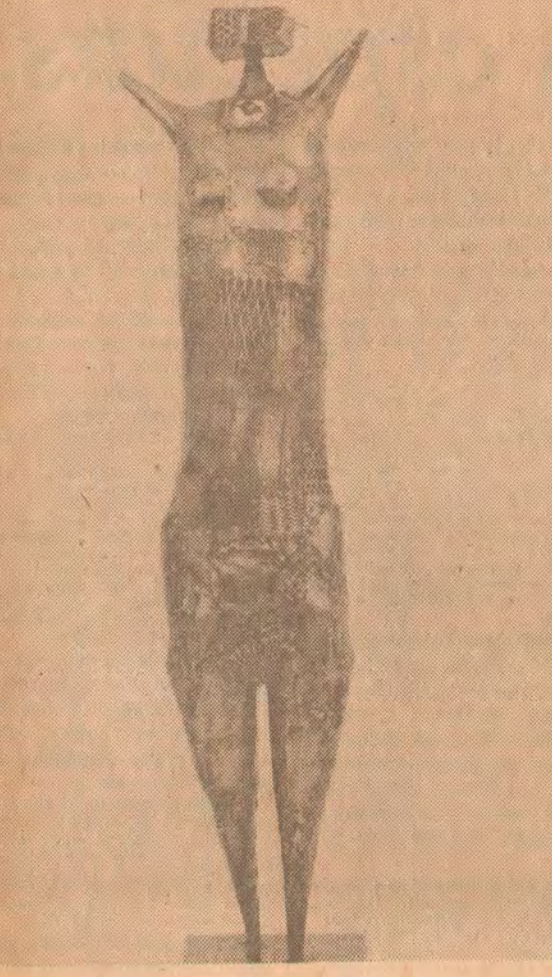


"Astronauta", Wlaviano



Trabalho em bronze de Sérgio Camargo



Dos "Guerreiros" de Francisco Stockinger



"Família", Felícia Leirner

Escultura brasileira, marginal nas artes plásticas?

LEONOR AMARANTE

Depois da intensa euforia — e até da improvisação de artistas para alimentar o mercado de arte brasileiro no início da década de 70 — os critérios de escolha tendem, hoje, a valorizar os já estabelecidos. As técnicas e suas formas de expressão vão, aos poucos, assumindo um lugar determinado nas leis do mercado. A pintura e a gravura conseguiram se firmar de tal maneira que grande parte dos artistas que trabalham nesse campo vive da atividade artística. Em contraposição, a escultura levanta sérias questões no confronto com as demais formas de expressão plástica. Não só quanto ao número de

artistas mas, principalmente, com relação à aceitação do público.

Essa situação ocorre, em função de certos condicionamentos culturais, pela própria posição da escultura na arte brasileira contemporânea e, o que é importante, porque a escultura não teve o mesmo apoio dos marchands nos célebres leilões que, de uma forma ou de outra, acabaram estabelecendo os rumos do mercado de arte brasileira e a sua própria consolidação. Resta à escultura o beneplácito oficial ou o apoio das empresas de arquitetura, que se servem dela para compor ou completar seus projetos. Em termos de abertura popular, a escultura, em seus padrões clássicos, parece condenada a um absoluto malogro.



Falta a criação da vanguarda

FERNANDO LEMOS

A escultura no Brasil é historicamente pobre, não temos tradição dentro desta forma de expressão, nem mesmo escolas ou materiais. Até bem pouco tempo a escultura era considerada, entre nós, "decoração de cemitérios". No entanto, isso não quer dizer que hoje ela tenha uma conotação muito diferente. A maioria dos escultores brasileiros ainda trabalham em cima de temas arcaicos.

Existem poucos jovens pesquisando novos materiais, tentando formar uma vanguarda brasileira, na minha opinião, a única saída para esta forma de expressão continuar existindo. No Brasil, a escultura está ligada ao alegórico. São Paulo, por exemplo, não tem a mínima possibilidade de dar escala a este tipo de manifestação artística, aqui só é possível construir viadutos. E quando se tem um lugar plano como a Praça da Sé, onde as esculturas poderiam compor a paisagem, não se faz um planejamento adequado de acordo com as dimensões da praça; o que está realizando é uma disparidade com sua escala. Tudo é ridículo se avaliarmos que não há a menor possibilidade de contemplação dessas obras. Primeiro, porque quem anda pela praça a utiliza como simples local de passagem. Segundo, porque existe apenas cinco por cento de área de lazer e, sendo assim, mesmo que o público quisesse parar não encontraria um local agradável.

Este é apenas um dos aspectos negativos da escultura no Brasil, mas existem muitos outros, como o da escolha de estilos. Costuma-se atribuir ao marchand, a responsabilidade de dirigir as tendências artísticas em função da solicitação do mercado. Isto é um erro por que no Brasil, não existem marchands, o que se vê por aí são simples comerciantes de arte, sem força para influenciar nenhum mercado, e também sem a categoria dos europeus e americanos. E por outro lado, os artistas nacionais não fazem concessões ao mercado de arte, eles são os próprios intermediários da concessão. Em última análise, são homens certos em sociedade errada. Num sistema mais correto, o escultor é pago para criar e não para servir.

Exigências do espaço urbano

FERREIRA GULLAR

Desnecessário é repetir que a crise é da arte contemporânea em geral mas, no caso da escultura, ela assume características próprias, embora tenha como raiz, no plano de linguagem, a mesma tendência à abstração que marca também a pintura deste século. Essa tendência, como se sabe, é reflexo de uma revolução cultural mais profunda que determinou o abandono da temática já alegórica, já religiosa, já romântica que antecede a época moderna. A arte de vanguarda surgiu para criar uma nova linguagem, tanto para a pintura quanto para a escultura, mas ao preço de um afastamento maior do público.

Se a pintura conservou o encantamento das cores, da matéria, apoiada até certo ponto, na concepção do quarto do cavalete, a escultura, ao romper com as normas, não tinha em que se apoiar, a não ser os puros elementos plásticos. E foi adiante, em muitos casos, buscando apreender o vazio, o espaço "desocupado", etc. Isso contribuiu para um certo hermetismo e uma consequente redução do mercado. O caminho dessa escultura seria o monumento e parece que é nesse caminho que os artistas têm encontrado maior possibilidade de trabalhar. Na maioria dos casos a escultura necessita do ar livre, do jardim. E quantas pessoas dispõem desse espaço? Creto que aí está uma das explicações para o estado atual da escultura. É uma das principais porque, excluindo o comprador particular, resta aquele outro que encomendaria o monumento.

O gigantismo do espaço urbano exige que a escultura tenha proporções também gigantescas e alto custo. A tendência é não investir tanto dinheiro em algo "inútil" e ainda por cima sujeito a provocar polémicas e críticas públicas. Isso sem falar em que a maioria das autoridades responsáveis por tais decisões não tem muita simpatia pela nova escultura.

Não resta dúvidas de que esta não é uma época propícia à veia arte da Fídias. Apesar disso, há no Brasil alguns escultores de alta qualidade que, solitariamente, continuam a trabalhar. Pena que os que têm meios para estimulá-los não o façam.

O que pensam os poucos artistas

Existem poucos escultores no Brasil e um número ínfimo de galerias de arte que se dedicam a expor suas obras. Quais as causas desta situação? Escultores de oito Estados dão sua opinião às sucursais, correspondentes e serviço local de O Estado de S. Paulo. Sérgio Camargo (Rio de Janeiro) — Esses problemas são muito comuns a todo o mundo, mas a situação agrava-se no Brasil, onde inexistente apoio a esse tipo de atividade. Em nosso País, além do mercado ser incipiente, pouco esclarecido, sem cultura visual, o Governo não assinou a Convenção Internacional da UNESCO, que determina trânsito livre da obra de arte, fazendo com que se pague uma cifra de taxa de importação cada vez que entra uma peça de arte. A venda para o exterior também é dificultada pela burocracia. Isso resulta em isolamento cultural, e ficamos sem condições de desenvolvimento. Além do pequeno número de escultores, numa relação aproximada de 100 pintores para cada escultor, são poucas as galerias que têm condições de expor esculturas.

Sérvulo Esmeraldo — (Rio de Janeiro) — As galerias especializadas em escultura são raras no Brasil, mas posso garantir que elas sempre acolhem com interesse nossos trabalhos. Acho também que a escultura não está afastada dos problemas sociais, nem que sua imagem seja mais herética do que a de seus congêneres, como a pintura, o desenho e a gravura. Na verdade a escultura brasileira ficou um bom tempo adormecida, mas a partir da década de 60 ela abandonou seu estado letárgico e, no momento, está em franca evolução com o número de artistas crescendo vertiginosamente.

Mário Cravo — (Bahia) — A inexistência de um número menor de escultores, em relação a outros artistas plásticos, decorre de uma diferenciação extremamente complexa e até mesmo histórica das técnicas de trabalho. A escultura, que sempre viveu sacrificada pelos poderosos e pelas religiões, tende agora a se libertar do servilismo histórico das artes dominantes, usando uma linguagem mais revolucionária. O tema trabalhado

na obra de arte nada tem a ver com a categoria da escultura, é a velha discussão do antagonismo, entre o figurativo e o abstrato, em pauta há quatro décadas, não passa de empulhação intelectual.

Corbiniano Lins — (Pernambuco) — A escultura é o tipo de arte bem mais difícil do que qualquer outro. Quanto aos temas, a escultura pode perfeitamente optar por assuntos brasileiros ligados à realidade nacional, e acho mesmo que este é o seu papel. Mas o problema é o seu custo e uma galeria de arte não se vai arriscar a expor uma dezena de esculturas, se sabe de antemão que não vai encontrar mercado para absorvê-las. É bom lembrar também a questão dos ambientes, para a colocação das peças. Numa parede podem se colocar numerosos quadros, enquanto uma única escultura normalmente exige um grande espaço.

Francisco Stockinger — Claro que a escultura exige um grande espaço; isto ocorre há milênios e vai continuar ocorrendo. O importante é que ela se livrou dos cânones comuns, que há alguns anos atrás se resumiam em fazer mulheres de pernas grossas. Hoje, ela criou inúmeros caminhos e meios, por isso há muito mais oportunidade de se formar novos escultores. As galerias, pelo que sei, nunca fizeram restrições à escultura, mas simplesmente à sua qualidade.

Reynal Jardim — A qualidade das esculturas nacionais a meu ver é boa, mas existe um distanciamento muito acentuado entre a escultura e o público consumidor, reduzido a uma elitizante e intelectualizada cultura erudita, distante dos temas populares. E, mesmo quando o artista desenvolve assunto brasileiro, o tratamento que ele dá a escultura é intelectualizado e herético e o que faz com que ela dificilmente atinja o homem de cultura média.

Felícia Leirner — Acontece que o povo está intelectualizado para compreender e interpretar uma escultura não ligada à de Michelângelo. Quem inventa, quem propõe alguma nova solução, quem polemiza porque não se estagna, raramente é aceito de imediato. Quando uma escultura foge dos códigos comuns já decifrados, ou dos símbolos mais comuns da comunicação ou da imitação da natureza, ela é dificilmente assimilada.

Megume — O problema da escultura não é o problema da linguagem. Hoje, o artista não se aprofunda na sua própria obra e a crise que a escultura atravessa reflete as crises do homem e da arte de hoje. A arte quer acompanhar a produção de consumo e isso traz mudanças radicais, daí a sua precariedade. Além disso, o interesse pelas artes plásticas é cada vez mais elitizante, porém num nível péssimo de elitização. Embora os artistas se oponham a esta declaração, a escultura é um objeto de luxo, sustentada por uma nova casta de nobreza cultural. A grande dificuldade do artista é a de ter uma visão clara da necessidade da arte hoje. A escultura, por exemplo, não tem a menor finalidade objetiva e, no Brasil o mercado de arte é pouco significativo para que o consideremos em crise. E depois acho uma bobagem buscar descobrir os caminhos da arte quando o País enfrenta problemas muito mais sérios. Considero mais significativo no momento, encontrar as soluções para o operário do ABC.

Calabrone — A arte para ser extensão natural do universo político, social e econômico de um povo não precisa ser nem gigantesca nem panfletária. Bastam formas, cores e inteligência. Minha arte não é social, mas se um dia a situação política do País exigir de mim um trabalho voltado aos problemas do povo, posso fazê-lo sem nenhum problema. Mas penso que não vale a pena, pois alguns poetas destruíram seus versos ao transformá-los em instrumental político. Em tudo isso é utopia, haja visto que a escultura hoje em dia é uma pequena empresa, com capital de giro, onde o artista é o empregado e o empregador simultaneamente. Nos sete ateliês que possuo, além de máquinas, tenho carrinhos para transportar as peças de um local para o outro — dentro da própria oficina —, martelos elétricos, roldanas e outros materiais caríssimos. E eu pergunto, como pode sobreviver um artista em início de carreira? Além do problema financeiro que dificulta o ingresso de novos artistas no mercado, o escultor, mesmo mantendo dezenas de empregados à disposição tem momentos em que somente ele sabe a posição na qual deverá ficar determinada peça. Daí entra o serviço pesado, que não seduz os jovens iniciantes.

Wlaviano — Apesar das dificuldades que a escultura enfrenta, ela começa a se mover, e a prova disto é a criação em São Paulo de uma galeria especializada em escultura. Acredito mesmo que a escultura evoluiu muito mais de dez anos para cá, do que a pintura. Hoje, temos jovens escultores se destacando mais do que pintores, isso sem levar em conta que para ser pintor, além de talento é claro, é preciso apenas um pequeno espaço, pincéis, telas e cavaletes.

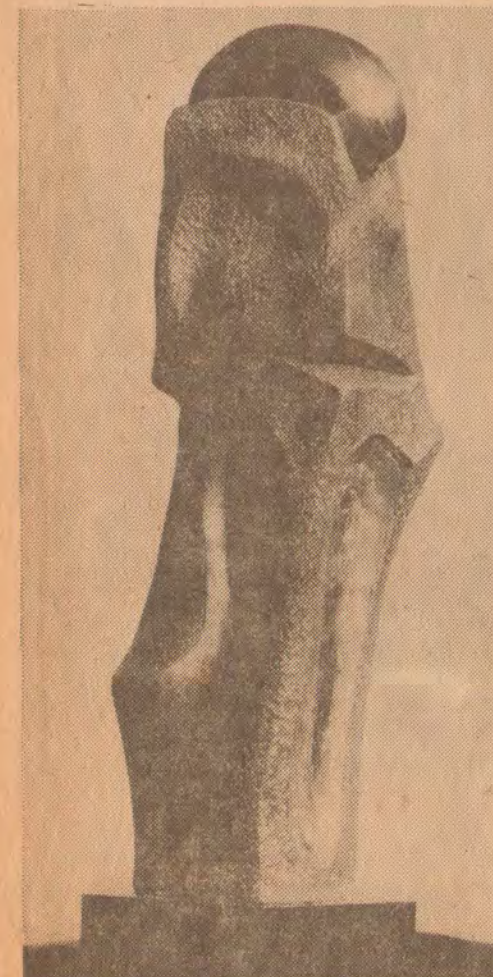
Saída para a crise: nova linguagem

Na opinião de alguns artistas, a escultura precisa encontrar uma nova linguagem, uma linguagem que a aproxime do povo, que a torne familiar aos que se interessam por arte. É preciso torná-la acessível, economicamente viável, dar-lhe o mesmo tratamento dispensado à gravura, multiplicá-la, enfim. Essa linha de pensamento, defendida claramente por Walter Benjamin quando tratou da reprodutibilidade da obra de arte, leva em conta as transformações havidas nas relações sociais e econômicas desde o início do século, relações que, gradualmente, foram demolindo conceitos básicos da sociedade, aos quais, evidentemente, está vinculada a concepção de arte.

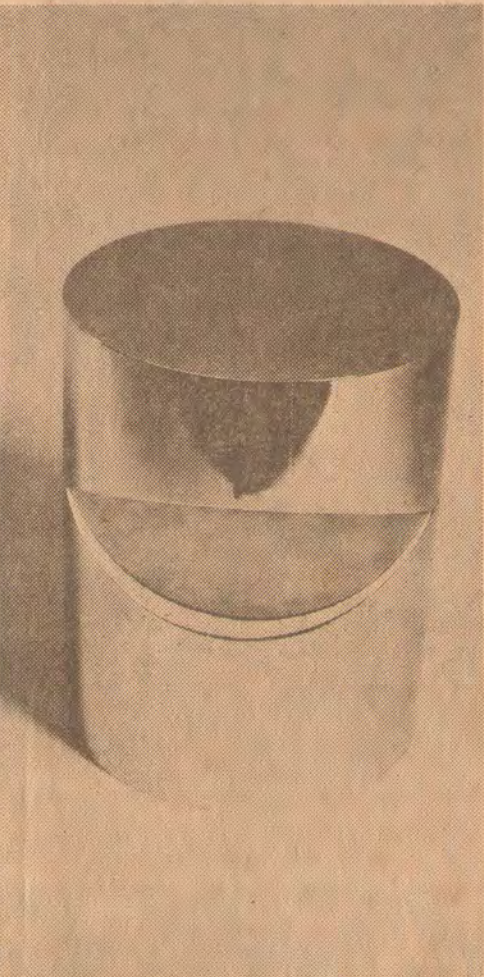
fazer os "múltiplos", porque esta técnica requer, além de boas reproduções pelo processo de fundição, oficina especializada. Já Felícia Leirner não concorda em reproduzir suas criações. Na obra da artista o múltiplo não existe. Felícia afirma que uma regulamentação favorece apenas alguns escultores para os quais o preceito vale e o comércio de seu trabalho. Mário Cravo é lacônico. Para o artista baiano, "trata-se de uma convenção que, como qualquer outra, serve apenas a grupos que têm interesse na 'aura' de uma peça de arte. 'Claro que é um jogo de mercado'", enfatiza Cravo.

Mário Cravo — Este conceito é também defendido pelo escultor Calabrone ao citar a Convenção Internacional, a qual determina que, pela "Lei de Rodin", a escultura ainda é considerada original até o limite de sete cópias. Para Calabrone esta é uma medida democrática, porque, quanto maior for o número de cópias, mais baixo será o seu preço, possibilitando, assim, o desenvolvimento de um mercado menos elitizante. O escultor Zenon Barreto, embora concorde com esta determinação, ressalta que nem todos os escultores no Brasil têm condições financeiras para

Para Maria Guilhermina, escultora de Goiás, que trabalha com pedras, as dificuldades que enfrenta para buscar seu material, escavando os barrancos, puxando com cordas e cabos de aço os imensos blocos de esteatita, provam o seu amor pela natureza. Guilhermina diz que existe uma forma adormecida dentro de cada pedra. Cada escultor tem um motivo determinante na escolha da matéria-prima a ser trabalhada. Nicolas Wlaviano explica que através do alumínio, inox e outros metais ele chega até os limites extremos da criatividade. Wlaviano



"Totem", Calabrone



"Hélice", Esmeraldo



"Exu", Mário Cravo